COLEÇÃO
COMUNICAÇÃO E POLÍTICAS PÚBLICAS



BU: O CAMINHO FAZ A GALERA

RICARDO RODRIGUES

EDITORA UFRR

BU: O CAMINHO FAZ A GALERA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA - UFRR

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA

Reitora:
Gioconda Santos Martinez

Vice-Reitor:
Reginaldo Gomes de Oliveira

Pró-Reitora de Graduação:
Fábio Luiz Wankler

EDITORA DA UFRR
Diretor da EDUFRR:
Cezário Paulino Bezerra de Queiroz

CONSELHO EDITORIAL

Alexander Sibajev
Ana Lia Farias Vale
Ananda Machado
Avery Milton Veríssimo de Carvalho
Cássio Sanguini Sergio
Fábio Luíz Wankler
Guido Nunes Lopes
Leonardo Uilan Dall Evedove
Luciano Alberto Ferreira
Rileuda de Sena Rebouças
Rodrigo Schutz Rodrigues

Editora da Universidade Federal de Roraima
Campus do Paricarana - Av. Cap. Ene Garcez, 2413,
Aeroporto - CEP.: 69.304-000. Boa Vista - RR - Brasil
Fone: + 55.95.3621-3111 e-mail: editoraufrr@gmail.com

A Editora da UFRR é filiada à:

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA
DAS EDITORAS UNIVERSITÁRIAS

Asociación de Editoriales Universitarias
de América Latina y el Caribe

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA - UFRR



COLEÇÃO
COMUNICAÇÃO E POLÍTICAS PÚBLICAS
Volume 2

BU: O CAMINHO FAZ A GALERA

RICARDO RODRIGUES



BOA VISTA/RR
2011

Copyright © 2011
Editora da Universidade Federal de Roraima
Todos os direitos reservados.
A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação dos direitos autorais (Lei n. 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.



NÚCLEO DE PESQUISA SEMIÓTICA DA AMAZÔNIA

EXPEDIENTE

Revisão:
Érico Verissimo
Plinío Vicente

Capa
Márcio Conceição

Projeto Gráfico e diagramação:
Messias Mariano

Organizadores da Coleção
Elói Martins Senhoras
Maurício Zouein

Conselho Editorial
Antônio Tolrino de Rezende Veras
Charles Pennaforte
Elói Martins Senhoras
Maurício Elias Zouein
Sandra Gomes
Sônia Costa Padilha

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO-NA-PUBLICAÇÃO (CIP)

C748 RODRIGUES, Ricardo

BU: O caminho faz a galera / Elói Martins Senhoras, Maurício Elias Zouein (organizadores). Boa Vista : Editora da UFRR, 2011.

91 p. - (Coleção: Comunicação e Políticas Públicas v. 2)

ISBN

1- Galera. 2 – Condições Sociais. 3 – Violência. 4. Universidade Federal de Roraima I. Senhoras, Elói Martins; Zouein, Maurício Elias M. II. Título III. e-book

CDU – 327(861)

ISBN 978-85-60215-74-4

FICHA CATALOGRÁFICA: BIBLIOTECA CENTRAL DA UFRR

A exatidão das informações, conceitos e opiniões são de exclusiva responsabilidade do autor.

Aos meus pais, Raimundo Rodrigues e Antonia de Sousa; meus irmãos Antonio, Rosana, Roberto e Rafael, pelo amor incondicional, respeito e inspiração.

EDITORIAL

O Núcleo de Pesquisa Semiótica da Amazônia (NUPS), da Universidade Federal de Roraima (UFRR), criou a "Coleção Comunicação & Políticas Públicas" com o objetivo de divulgar livros de caráter didático produzidos por pesquisadores da comunidade científica que tenham contribuições nas amplas áreas da comunicação social e das políticas públicas.

O selo "Coleção Comunicação & Políticas Públicas" é voltado para o fomento da produção de trabalhos intelectuais que tenham qualidade e relevância científica e didática para atender aos interesses de ensino, pesquisa e extensão da comunidade acadêmica e da sociedade como um todo.

As publicações incluídas na coleção têm o intuito de trazerem contribuições para o avanço da reflexão e da praxis, seja na comunicação social, seja nas políticas públicas, e para a consolidação de uma comunidade científica comprometida com a pluralidade do pensamento e com uma crescente institucionalização dos debates nestas áreas.

Concebida para oferecer um material sem custos aos universitários e ao público interessado, a coleção é editada nos formatos impresso e de livros eletrônicos a fim de propiciar a democratização do conhecimento sobre as relações internacionais lato sensu por meio do livre acesso e divulgação das obras.

Organizadores:
Elói Martins Senhoras
Maurício Elias Zouein

PREFÁCIO

O vigor do método semiótico ajuda aquele que se propõe a trabalhar com comunidades a perceber qualidades antes desconhecidas. Qualidades da cidadania e cidadãos qualificados para exercer seus direitos e deveres.

Este é um livro reportagem que não mostra ao leitor, em sua zona de conforto, o que acontece em um bairro periférico. É um chamado para sairmos da condição cômoda de espectadores e agirmos em favor daqueles que necessitam.

Consumo e venda de drogas, roubo, assalto, brigas e homicídios. Os espaços onde surgem esses conflitos são predominantemente a periferia, o bairro União se insere nesse critério onde a delinquência juvenil é característica marcante.

Mais da metade da população do bairro tem sequer as condições mínimas para sobreviver, essa realidade conduz a uma serie de problemas sociais, dificuldades explicadas e embasadas com suporte em diversos autores.

Durante a investigação o autor se desfaz do preconceito acadêmico e elabora um questionário com a ajuda dos jovens do bairro União. O resultado do levantamento parece fornecer dados meramente quantitativos, mas quando inseridos numa metodologia dinâmica como é Semiótica ganha novas dimensões.

Percebemos, então, que as estatísticas utilizadas passam a dar condições interpretativas para a compreensão da cultura daquele grupo de adolescentes. As relações de rivalidade, a repulsa, o medo e distanciamento da polícia, apresentam-se como fatores culturais estranho ao grupo.

O espaço territorial do grupo, uma área de convivência dividida com outras culturas, com armas, roupas, drogas e tatuagens são signos marcantes e comuns aos sujeitos sociais.

Resulta dessa compreensão o Projeto Experimental BU: O caminho faz a galera. Um livro-reportagem que traça bem o perfil e cotidiano de uma confraria de jovens do bairro União. Uma obra que propõe ir além das matérias veiculadas no dia-a-dia sobre a temática.

Um livro que dá voz aos anônimos. Um livro que prova que temos uma parcela de responsabilidade a ser cumprida e que a sociedade sempre cobra... Mais cedo ou mais tarde.

Maurício Zouein

SUMÁRIO

Agradecimentos - 13

Apresentação - 19

Capítulo 1| GÊNESE: GANGUE NO SETOR - 27

Capítulo 2| A VELHA GUARDA EM CAMPO - 41

Capítulo 3| NOVA GERAÇÃO: A VOLTA DOS QUE NÃO FORAM - 53

Capítulo 4| INVASÕES: TAREFA DE CASA - 63

Notas - 81

Referências Bibliográficas - 83

Biografia - 87

AGRADECIMENTOS

AGRADECIMENTOS

O tempo passado na Academia é uma vida. São quase cinco anos convivendo com pessoas num universo no qual as idéias emergem a cada momento e se contrapõem conforme o que pensam seus autores. A coexistência com pessoas das mais diversas origens sociais e econômicas, com diferentes orientações religiosas e políticas e, até mesmo étnicas, me fez aprender muito. Seja nas aulas dadas pelos professores, seja pela convivência com os acadêmicos. Convivência que, em muitos casos, ultrapassou as barreiras da instituição. Hoje, sou grato à UFRR porque foi no seu seio que conheci muitos amigos, com os quais pude aprender muito.

Todos foram pessoas especiais, mas alguns foram mais especiais ainda. Entre eles destaco Érico Veríssimo, Natacha Portal, Sâmia Araújo, Antônio Elias, Yana Lima, Otacilio Neto, Rodolfo Magno, Regis Calixto, Bruna Castelo, Bruno Willemon, Cintia, Rafaela, Márcio, João Paulo, Hérika Santos, Janini Marques, Siloany Neves, Marcelo Marques, Júlio, Éder, Willame, Gersika, Rayana, Vanessa, Victor, Tiana, Talitha, Anderson, Rebeca, Waldir Freitas e Orlando.

Minha lealdade me leva a agradecer imensamente aos meus professores pelos ensinamentos que me deram e pela paciência que tiveram comigo. São eles, enfim, que me ajudaram

a me tornar o que sou hoje. Agradeço de forma carinhosa a estas figuras especiais:

Professora Antonia Costa - Não apenas por sua preciosa amizade e pela atenção que me dedicou o tempo todo, mas principalmente por me apontar rumos e me mostrar que por meio do Jornalismo podemos transformar vidas;

Professora Andrezza Mariot - Pelas conversas sempre enriquecedoras;

Professor Edileuson Almeida - Pelos sábios conselhos que jamais esquecerei;

Professora Sandra Gomes - Com quem aprendi a escrever;

Professor Zequinha Neto - Pelas broncas que sempre se transformaram num grande aprendizado e mesmo distante sempre será exemplo para muitos profissionais;

Professor Simão Farias – Que incutiu a idéia da produção de um livro-reportagem.

Professor Elói Senhoras, um grande incentivador desse projeto;

Professor Taylor Nunes - Pelas brilhantes aulas de fotografia; e

Professora Vângela Morais – Pela maestria como aplicava suas aulas.

Embora essas sejam pessoas que tiveram uma importância maior em minha vida acadêmica, tenho o dever de estender meu reconhecimento a outras que, pela atenção,

respeito e profissionalismo, foram igualmente essenciais para a qualidade do aprendizado que recebi: Lóide Gomes, Cristina Oliveira, Shirleide Vasconcelos e Elias Dolvin. Agradeço imensamente também à querida Eulyna Vasconcelos, pelo amor e dedicação com que trata, cuida, respeita e inspira todos os acadêmicos e professores.

Meus agradecimentos vão além da academia. Muito aprendi com as conversas sempre enriquecedoras com o jornalista Plínio Vicente da Silva. Um grande profissional, autor de grandes reportagens, figura importante na construção da história deste País, sobretudo, na história recente de Roraima.

Certamente, este trabalho também não seria possível sem a contribuição dos jovens e adolescentes, personagens desta pesquisa. As fotos, entrevistas e conversas informais sempre dependeram da confiança incondicional, da paciência e sugestões de parte de todos. Todo este trabalho escrito é produto de muita leitura e pesquisa, tudo graças aos componentes desse grupo, porque são eles a razão maior desta modesta obra, porém, precisa.

Agradeço também aos amigos que sempre me motivaram a ir em frente e jamais desistir. Entre eles estão Elizandro Diniz, Cezar Neves, Jozete, Camila, Carina, Aurélio, João, Thiaguinho. Pessoas que se tornaram imprescindíveis na construção deste

trabalho. Agradeço à minha amada Kiki pelas broncas que me deu quando me viu fraquejar diante de algumas dificuldades. “Deixe de enrolar e vá estudar”, dizia ela com freqüência. Agradeço também aos colegas de trabalho pela compreensão.

Agora volto no tempo para contar uma história e agradecer a um personagem que, certamente, tornou-se a pessoa mais importante para que este livro-reportagem ganhasse vida. Na sala de aula lotada por alunos do primeiro semestre, o professor interrompe uma apresentação para chamar a atenção do acadêmico:

- Você não pode tratar o trabalho como se fosse uma coisa qualquer. A apresentação é sua, o trabalho é seu, portanto, faça-o com o devido respeito! -, disse o professor. O aluno não gostou, ficou nervoso e mal conseguiu terminar a apresentação.

O professor era Mauricio Zouein, hoje meu orientador, e o aluno em questão era eu. Cinco anos se passaram e mais uma vez nos encontramos em outra apresentação. Desta vez para eu concordar com ele e agradecer por aquelas palavras de cinco anos atrás. Afinal este é o meu trabalho, uma semente regada com carinho, carregada de esperança e que, por isso, amanhã irá gerar bons frutos. Entretanto, devo também agradecer pela paciência e incentivo que muito me serviram de auto-estima. Hoje vejo que, com motivação, vale a pena gastar uma gota de suor para dar vida a uma página de um livro.

APRESENTAÇÃO

APRESENTAÇÃO

Plínio Vicente

Ser convidado pelo autor para apresentar este livro, num pequeno prefácio que toca fazer, foi tão gratificante que, pela satisfação que tal missão me dá, eu a considero uma honra. Da mesma forma que é uma tarefa dolorida, penosa, à medida que, comparando minha infância com as personagens deste trabalho, me vejo em dívida com as tantas gerações que me sucederam.

Embora sofrida, limitada pelas parcas condições financeiras dos meus pais, roceiros e oleiros do interior paulista, ainda assim meus primeiros anos foram os melhores desta minha existência de quase setenta anos.

Por ter sido uma criança feliz, bem-estar este que só foi possível alcançar por ter como lastro uma família bem estruturada ética e moralmente, creio que poucos tiveram a mesma oportunidade que o destino me reservou, o de poder formar um caráter em que os valores mais fortes sempre foram o respeito, a lealdade, a solidariedade e o desejo de servir ao próximo. Por isso sinto que tenho com as gerações de agora uma dívida que, lamentavelmente, não mais tenho como pagar: dar-lhe muito mais de mim do que dei no passado como forma de contribuir para que crianças e jovens não se cerquem pela escuridão de um futuro incerto e por isso se percam nos

caminhos da violência.

Quando a Prefeitura lançou os primeiros projetos da gestão participativa voltados para tirar crianças e jovens da situação de risco, assustei-me com os resultados das pesquisas feitas pelo programa Braços Abertos. A quantidade de seres humanos aprisionados pela degradação social causada por conta da desagregação familiar fazia Boa Vista alcançar os primeiros lugares na escala nacional, quando comparada por número de habitantes. Não foi fácil reverter esse quadro e, mesmo diante de tantos esforços, a realidade ainda não é aquela desejada pela ex-prefeita Teresa Surita Jucá, que comandou o processo no período em que esteve à frente da administração municipal.

Quando conheci a dimensão do problema e quanto seria necessário de capital humano, material e financeiro para fazer frente a tamanho desafio, me bateu também o desejo de fazer alguma coisa que perpetuasse nos anais da história todo esse trabalho que, em 2011, completa dez anos. Tal vontade não me foi possível, pois problemas outros, de ordem profissional e pessoal, acabariam me impedindo de me lançar a uma empreitada mais ousada, a de registrar em livro as etapas e os resultados da heróica batalha que o poder municipal tem travado contra a violência no seio da infância e da juventude.

Tal lacuna, que deixei aberta, acaba de ser preenchida de forma brilhante pelo autor desta obra, Ricardo de Sousa Rodrigues. Com a capacidade própria de quem fez da academia a estrada para chegar ao saber, mexeu nas feridas e expôs um das mais graves doenças que atacam as populações periféricas das cidades. Todavia, o que mais me impressiona é que a coragem chancela este seu trabalho. Ele traz a marca daqueles que se dispõem a enfrentar desafios mesmo sabendo que a vitória será quase sempre considerada de difícil alcance. Para ele, entretanto, difícil não quer dizer impossível. Daí ter ido a campo e colhido um material de valor inestimável, que lhe permitiu dar vida a um texto que, certamente, pela importância sociológica, será em breve material de estudos dos pesquisadores.

Mais à frente, quando a história da população boa-vistense for estudada mais a fundo e se buscar as razões do surgimento das galeras nos bairros onde habita a população mais carente da cidade, certamente este livro será obra de referência. Uma certeza já é possível ter em relação a esse problema: tenho comigo que as galeras são frutos do grave ônus social deixado pela invasão garimpeira do final dos anos 80 do século XX. A desagregação familiar, provocada pela falta de trabalho digno, de atividades que possam gerar renda e garantir a cidadania a essas vítimas urbanas, é a gênese dessa coletânea

de problemas que batem à nossa porta todos os dias.

A falta de esperança, que empurra meninas e meninos, rapazes e moças para o inferno do vício, e que ataca e mata tantos deles todos os anos, é um desafio que deve estar permanentemente na agenda social dos governantes. Essa é a premissa deste livro, este é o desafio que Ricardo coloca na mesa para que todos nós, cidadãos, tenhamos a coragem de enfrentar.

Como disse o filósofo e matemático grego Pitágoras, "educai as crianças para que não seja necessário punir os adultos". Todavia, essa educação só terá sucesso se muitas outras necessidades foram igualmente atendidas, o que está bem expresso no que escreveu o líder sul-africano Nelson Mandela: "Ainda há gente que não sabe, quando se levanta, de onde virá a próxima refeição e há crianças com fome que choram.

Vítimas do medo – (Ricardo Rodrigues)

Depois de saber que ladrões tinham arrombado a casa do vizinho no bairro União dia desses, dona Maria reclamou:

- Tenho medo de dormir à noite e "acordar morta".

Todavia, a realidade para quem mora ali há mais de dez anos não se resume aos problemas corriqueiros dto dia-a-dia. O bairro tem algo que muitos outros ainda não têm. Nele há pessoas que, por mais que sintam medo, não se fecham atrás de murros altos. Talvez, até mesmo, porque não tenham dinheiro

para construí-los. Mas, isso não importa. O que importa mesmo é o fato de gozarem da liberdade de poder conversar à vontade e em qualquer lugar. As casas são abertas, as pessoas andam a pé, há uma vida coletiva em movimento.

Essas parecem ser notícias pouco corretas ou nada comuns. Parecem, não. São mesmo. Isto porque o bairro União dispõe de apenas uma quadra esportiva, a única. Nele não existem espaços destinados a atividades de lazer, cultura e projetos sociais. Ao contrário: há medo, há exclusão, há violência. A realidade é que no bairro União a exclusão, o medo e a violência são sinônimos de galera, ou melhor, da galera do "BU", como o bairro é conhecido.

Um exemplo dessa realidade comum a milhares de famílias foi a morte de um jovem durante festa realizada num arraial comunitário em 2010, vítima de um brutal ataque praticado por uma galera do "BU". Fatos como esse se tornaram de tal forma corriqueiros, banalizados pelas constantes notícias publicadas nas páginas policiais. Isso acabou formando um conceito, levando a sociedade a crer que tais grupos, ao ganharem tamanha força nos bairros, hoje são capazes de provocar medo e levar pânico à população.

O objetivo central deste livro foi o de fixar toda a atenção num desses grupos. O escolhido é considerado um dos mais

perigosos de Boa Vista: a galera do Bairro União ou a galera do "BU". Para isso, foi feito um levantamento histórico do bairro e drogas e o papel que eles têm na sociedade.

Vale lembrar que, durante as pesquisas, em nenhum momento sofri ameaças ou perseguições de quem quer que seja. Entretanto, a pedido da galera, decidi por bem omitir alguns nomes. Para preencher o vazio optei por utilizar codinomes, o que, na verdade, não fere nem altera as verdades postas em cada capitulo, em cada história contada.

Capítulo 1
GÊNESE: GANGUE NO SETOR

1 - Gênese: galera no setor

- Alô! Bom dia!

- Telemar! Bom dia! Com quem falo?

- Com Ricardo!

- O que o senhor deseja?

- Moça, um carro bateu num poste em frente de casa e o fio telefônico caiu. Vocês me deram um prazo de 24 horas para solucionar o problema, mas até agora...

- Certo! Qual o seu nome completo, senhor?

- Ricardo de (...)...é porque acontece o seguinte...prestei uma ocorrência no último sábado e hoje é terça-feira, ou seja, mais de 72 horas...

- Um momento, senhor...

Alguns minutos depois

- Senhor Ricardo, qual é o seu Bairro? Qual o nome da rua e o que o senhor quer que nós façamos pelo senhor?

- Moro no Bairro União, Avenida (...)

- Senhor Ricardo, foi verificado nos nosso sistema que a sua área é uma área de risco, muito perigosa, e nosso técnico não teve coragem de ir ao local. O senhor quer registrar outra ocorrência?

- Tá...!

(Cliente de uma empresa de telefonia e morador do Bairro União).

Bairro União, zona oeste de Boa Vista, novembro de 1998. Um grupo de jovens se reúne todos os dias no interior de um barraco de madeira. Meninos e meninas, rapazes e moças, dividem sonhos, histórias, inseguranças e aventuras.

São jovens ligados por uma afinidade marcada pelo preconceito e que, além disso, desperta curiosidade, medo e certa inveja em outros jovens do Bairro. São um grupo diferenciado, cujos membros vestem roupas exóticas, como as camisas de tamanho exagerado, calçam sandálias de números bem maiores que o tamanho de seus pés, ostentam tatuagens espalhadas pelo corpo mostrando ícones tribais em tom escuro e no formato de rabiscos com características aerográficas.

Sua comunicação é feita numa linguagem específica e traçam experiências de um mundo misterioso e envolvente que atrai a curiosidade de muitos: o das galeras e das drogas.

- Ei otário, passa aí essa parada?
- Cadê a cola?
- Sai dessa, maluco! Pega aqui o goró que tá acabando.
- Beleza...
- Me dá um trago aí desse cigarro.
- Pow, muleque, só pobre aqui... a gente tem que roubar umas bikes pra gente comprá umas "paradas"!
- Ei, pow, tem gente aí fora...
- Putz! São os muleques do Caranã. Caralho!

- Como é que a gente vai brigar com esses caras?! Cadê os terçados? Não tem nenhuma faca!

- Que nada, vamos agüentar esses otários na base de ripas.

- O que vocês querem?

- Esse barraco é nosso, seus filhos da puta! Vazam daí, bando de noiado!

- Que, Mané, sair?

Parecia uma noite de sono agradável como todas as outras. Silêncio sepulcral só interrompido pelo zumbido de insetos e latido dos cães...

****

Shiriu veio com a família do bairro 13 de Setembro, onde morava há seis meses. Era recém chegado ao bairro União. O imóvel em que se estabeleceu não passava de um pequeno barraco de madeira, comprado a preço baixo. Para ser mais exato, por R$ 800,00. Casebre de $3m^2$, mas que teria de comportar sete pessoas. Na frente da casa, havia uma grande área de lavrado, na qual, durante as manhãs, era possível apreciar o canto de pássaros como os bem-te-vis, pintassilgos e sabiás, e nos fins de tarde, numa cena de rara beleza, observar as garças rasgando o horizonte em vôos que iam e vinham de alguns lugares para lugares outros.

A área era cercada por fios de arames farpados e enferrujados, sustentados em estacas podres. Ali, hoje, se localiza a Faculdade Estácio Atual.

Naquela noite, a rotina foi interrompida por gritos e gemidos, sons metálicos dos arames sendo esticados, chuva de pedras, socos, pontapés e madeira estraçalhada. Era a sinfonia dramática regida pelo tom da briga.

– Bota pro Santa Teresa! Essa casa é nossa! - gritava Jabota, jovem integrante de uma galera do Santa Teresa II, bairro adjacente ao União.

– Que nada, essa casa é nossa. Podem vazar daí, seus filhos da puta! Se essa porra não é nossa, também não vai ser de vocês! Toca fogo no barraco, moçada! – respondia Negão, chefe da galera do bairro Caranã, também adjacente ao União.

– Vem, Negão! Essa ripa é pra tuas costas! Vem que eu racho tua cabeça! – gritava Jabota em tom de choro. – Nessa cara que mãe beijou ninguém bate!

Era por volta de 1h30 da madrugada quando Shiriu olhou no relógio. Estava deitado na rede, a alguns metros da briga. Rezava muito, tremia bastante, suava mais ainda. Por vezes levantava, andava de um lado para o outro, no escuro, pensativo, curioso e principalmente com muito medo. Medo por não saber o que fazer.

Nessa época não havia iluminação pública regular

instalada no bairro União. Então, os moradores improvisavam as ligações com "gatos". Linha telefônica também não havia. Ou seja, só mesmo por muita sorte a polícia surgiria. A patrulha da PM dificilmente passava pelo local.

Num desses vai-e-vem, andando dentro de casa, Shiriu observou que havia uma pequena brecha que, através da parede, lhe permitia enxergar o local da "guerra". Mas, estava muito escuro, não havia estrelas, nem lua e à frente uns galhos secos contribuíam para atrapalhar a visão. Não via quase nada, apenas vultos correndo como sombras de um lado para o outro. A briga continuou por mais de uma hora.

– Ninguém vai sair daqui, Negão! Ninguém morava nesta casa! Estava abandonada! - explicava Jabota.

- Não tinha dono é o caralho! Vocês lembram que eu vim aqui e disse pra vocês saírem – respondia Negão em alto e bom som.

****

Um mês antes da briga, durante as noites, Shiriu, então com 13 anos, e seu irmão Pequeno, de 12 anos, dormiam no barraco, palco da briga. Isso porque o local onde moravam não dava para comportar toda a família. Não sabiam da existência de pessoas ocupando aquele barraco alheio, que parecia

abandonado. Foi então que veio a idéia de, durante a noite, dormir fora de casa. Fez isso e assim, com o tempo, ele e o irmão foram se acomodando. Já dormiam há quase uma semana.

Embora mais ou menos confortável, o barraco metia certo medo. O telhado, feito com telhas de amianto mal colocadas sobre caibros, emitia um som estranho quando recebia o impacto dos ventos daquele verão. Dava até para ver estrelas através das brechas rasgadas no teto. As laterais, cercadas por tábuas afastadas umas das outras, tinham brechas que permitiam a entrada do vento, produzindo um clima agradável. Mas ao mesmo tempo causavam insegurança, pois os espaços entre uma tábua e outra eram tão largos que em alguns lugares era possível atravessar um braço.

Quando Shiriu chegou ao União esse barraco já existia, mas ninguém que morava na área há mais tempo sabia alguma coisa sobre seu dono. Segundo os registros de um mapa territorial da Prefeitura, o barraco foi erguido no meio da rua. Tudo isso ajudava a confirmar a impressão de que o dono o havia abandonado.

Numa dessas noites, por volta de 21 horas, Shiriu e Pequeno, seu irmão, se dirigiam ao barraco como faziam todos os dias. Dessa vez um jovem os parou. Camiseta branca, bermuda jeans azul, cabelos curtos, de altura mediana, negro, corpo

atlético, ele olhou de soslaio e perguntou.

- Ei, vocês sabem quem está morando naquele barraco da esquina?

Shiriu pensou em uma resposta adequada à situação. O barraco ao qual o rapaz se referia era o mesmo em que ele e seu irmão dormiam.

- Não. Acho que não tem ninguém dormindo ali!

- Ah! Valeu! Vou então me informar ali. – disse Negão, satisfeito com a resposta.

- Ali?! – sussurrou Shiriu preocupado.

Ora, era justamente onde ambos estavam dormindo. Não havia como mentir. A essa altura, Negão sabia que alguém estava morando naquele barraco. Shiriu, na mais completa boçalidade, não se deu conta do perigo e continuou em frente.

> Quando me lembro daquela cena... o que as pessoas imaginam é que tivemos medo. Não foi isso que aconteceu. Eu e o Shiriu ficamos tranqüilos, deitamos nas redes e os caras lá fora, na porta de trás, mangando da gente. Talvez porque nem mesmo sabíamos direito que existiam galeras, nem imaginava o que era uma galera. Na verdade, naquele momento, sentimos mais vergonha que medo.
>
> ***(Depoimento de Pequeno, irmão de Shiriu)***

Chegou ao barraco e, ao abrir a porta de entrada, avistou em direção dos fundos. Ao olhar, deu com um grupo de aproximadamente 15 jovens do lado de fora. Todos sorrindo e com um ar ameaçador.

Eram jovens receptivos e um tanto simpáticos.

- E aí moçadinha, essa casa é bacana? – perguntavam com toda simpatia, ou seria ironia?

- Anrrã! – respondeu Pequeno.

Nessa hora Shiriu preferiu ficar calado, com vergonha. Embrulhou-se, buscando uma forma de proteção, e ficou ouvindo o grupo. Na verdade, não deu tempo de ouvir muita coisa. Mal passaram dois minutos e apareceu a mãe de Shiriu, acompanhada do mesmo jovem que o interrogara minutos antes.

- Vizinha, eles são espertos. Um deles disse que nem sabia quem morava aqui. O moleque me enganou direitinho, aquele magrinho ali – apontando o dedo para Shiriu. E continuou – Mas, sem problemas, podem dormir aqui. Só por sete dias, porque vamos mudar pra cá na próxima semana.

O recado foi passado educadamente e alguns dias depois Shiriu descobriu que aquele jovem para quem havia mentido e que depois o chamava de magrinho, era Negão. Ele e aquele grupo de jovens formavam a chamada galera da Baixada Caranã ("BC").

> "Eu estava na rua perto do barraco onde dormimos alguns dias quando o Negão apareceu. Era por volta de 5 horas da tarde de uma quarta-feira. Aproximou-se da casa, olhou e a moçada do Santa Teresa também olhou para ele. Então, ele disse que a casa era do pai dele e pediu pra que eles saíssem dali no mesmo dia. A resposta da galera do Santa Teresa foi correr atrás do Negão. Aí já dá pra imaginar o resultado."
>
> ***(Depoimento de Pequeno).***

Shiriu sabia que havia tempo suficiente para construir outro quarto nos fundos do quintal da própria casa, que comportaria, enfim, toda a família. Então, quatro dias depois deixaram o barraco alheio. Mas, Shiriu e seu irmão não eram os únicos a morar naquele local. Mal saíram, apareceu um grupo do bairro Santa Teresa, formado por 14 integrantes. Jovens que, de forma decidida, se apossaram do barraco de Negão...

****

No dia seguinte...

- Mãe, a senhora não ouviu aquela confusão naquele barraco da esquina? – perguntou Shiriu, achando que o assunto renderia muito.

- Não – ela respondeu seco.
- Ninguém ouviu aquela zoada da madrugada?
- Não.
- Não mesmo? – perguntou, ainda insistindo.
- Não mesmo.

Shiriu dirigiu-se ao irmão para confirmar o que tinha ouvido a noite:

- Pequeno, tu ouviu aquele som de briga ontem... de uns caras falando que iam tocar fogo naquele barraco em que a gente dormia?

- Também não. – respondeu Pequeno.

- Desisto – resmungou, curioso em saber se foi mesmo real ou um sonho o que ouviu na noite anterior.

Ainda pela manhã, Shiriu foi ao local fazer uma investigação. Observou que parte da cerca de arames estava ao chão, o mato que ficava ao pé da cerca estava castigado por pisadas e, além disso, alguns pedaços de madeira e pedras espalhados pela rua ajudavam a confirmar as suas suspeitas. Porém, o barraco parecia intacto. Nada de fogo. Ao se aproximar do casebre, Shiriu ouviu alguns sons vindos de dentro, dando sinais da existência de sobreviventes da guerra campal. Mas, o medo era maior que a curiosidade e, então, sem buscar detalhes, voltou para casa.

Durante à tarde, enquanto aguava o humilde jardim de sua mãe, foi surpreendido com palmas que vinham da frente da

casa. Era Jabota, com o rosto desfigurado e mancando numa das pernas.

- Ei, maluco! Me dá uma colher aí pra gente tomar um remédio... Ah! E vocês têm um isqueiro aí pra gente fazer comida lá em casa? – perguntou Jabota um tanto inseguro. Mais inseguro ainda, Shiriu respondeu.

- Tem, tem sim, cara, deixa eu... deixa eu ver aqui com a mãe. – cinco segundos depois do pedido – Tá aqui.

- Já te devolvo – disse Jabota

- Beleza! Sem problemas – respondeu Shiriu sem se exaltar.

Era grande o medo de Shiriu. Afinal foi Jabota quem insistiu durante a madrugada que ia matar, detonar, estraçalhar... Apesar de estar com o rosto cheio de hematomas, também teimava em dizer que ninguém bateria em sua cara.

O sol descia, as horas passavam e com elas aumentavam a preocupação e a pressão da mãe de Shiriu.

- Vai buscar o isqueiro. – mandava ela.

- O cara ainda não veio deixar. Eu não vou lá pedir não. – respondia Shiriu, com cara de bravo, querendo fugir da responsabilidade.

- Te vira, porque tenho que fazer a janta. – disse ela, já sem tanta paciência.

O fato é que o isqueiro e a colher nunca voltaram. Shiriu ainda foi buscá-los, mas ao chegar na frente do barraco onde a

galera de Jabota se hospedava, as pernas bambearam e em vez de pedir o isqueiro e a colher, resolveu observar por entre as paredes. Viu que a colher e o isqueiro estavam nas mãos de um rapaz franzino, pele morena, espinhas no rosto, tatuagens espalhadas pelo corpo e cabelos encaracolados. Dentro da colher havia uma massa branca e o isqueiro era utilizado para esquentar a colher.

Shiriu voltou para casa a passos rápidos. Não entendia bem o que significava aquele gesto, mas a primeira coisa que vinha na cabeça é que as drogas que aquele grupo usava não se limitavam a cigarros e bebidas. Dois dias depois, o barraco – motivo principal da briga – foi abandonado. Negão e sua turma nunca chegaram a morar naquele casebre.

A briga de 1998 e aquele grupo de jovens usando drogas entraram na mente de Shiriu como sinopse da história do bairro União. Essas foram as características de sua juventude por vários anos seguintes.

Capítulo 2
A VELHA GUARDA EM CAMPO



Matérias ligadas a ataques de galeras

Segundo levantamento do Programa Braços Abertos, da Prefeitura de Boa Vista, feito em 2001 com as lideranças e moradores antigos do bairro União, a formação da comunidade se iniciou em 1994, após o loteamento da área por uma imobiliária. Essas informações dão conta de que alguns lotes foram vendidos, uns invadidos e outros doados a trabalhadores. Dois anos depois, espalhou-se a notícia de que aquela área estava em situação irregular, com impostos atrasados, o que motivou uma invasão em massa entre os anos de 1996 e 1997, causando um inchaço populacional descontrolado e desorganizado naquela área.

Para algumas lideranças do bairro, essas invasões foram organizadas pelo presidente da Associação de Moradores, na época conhecido como Pedrão. Além de comandar as invasões, ele orientava para a ocupação dos lotes ainda vagos e disponibilizava aos invasores um carro para auxílio no transporte de mudanças e material de construção. Nessa época, algumas famílias que haviam comprado terrenos e tiveram seus lotes invadidos, moveram um processo pedindo a reintegração de posse.

Nessa época – 1997 - não havia energia elétrica regularizada e as ligações eram feitas por piquetes sustentando fios por todo o bairro. A maioria das casas era de madeira e não

havia rede de esgoto e nem água encanada, que só chegou um ano mais tarde, em 1998. O lavrado, vegetação típica de Roraima, predominava até mesmo na principal via do bairro, a avenida Rui Baraúna, hoje asfaltada.

Ainda em 1997 foram construídas 140 casas por meio do Bem Morar, programa ligado à Secretaria Estadual de Bem Estar Social (Setrabes). O programa possibilitava a construção de moradias populares para beneficiar famílias de baixa renda que já possuíam terreno ou residência de madeira nesse local. Porém, por "falta de verba" a maioria das casas foi entregue às famílias ainda sem as portas, janelas e algumas até mesmo sem banheiro.

Quanto à naturalidade dos moradores, a maioria veio de outros estados, principalmente Maranhão e Pará, atraídos pela divulgação de que em Roraima os governantes davam terrenos, material de construção e trabalho às famílias necessitadas.

Antes das divisões oficiais do Município de Boa Vista, a área do União fazia parte do bairro Caranã. No entanto, com o desenvolvimento, organização e união entre os moradores, característica marcante desde a época das invasões, a área foi institucionalizada e denominada pela população de bairro União, nomenclatura também adotada e oficializada pela Prefeitura Municipal.

Com o bairro constituído, os moradores deram início a

novas lutas junto ao poder público, que resultaram em muitas conquistas:

- Energia elétrica, água encanada e transporte coletivo – 1998;
- Telefone público –1999;
- Asfaltamento das ruas – 2000/2007;
- Creche municipal Criança Feliz – 2000;
- Escola Municipal Francisco Cássio de Moraes – 2000;
- Centro de Múltiplo Uso Tabelião Deusdete Coelho – 2000 e;
- Casa Médica – 2004.

Em 1998, surgiu o Grupo Jovem do Bairro União, que organizava torneios esportivos, como os de futebol, e reivindicava das autoridades o atendimento de necessidades básicas da comunidade, como água encanada, energia elétrica e escola de ensino médio. Esta última não existe até hoje. O grupo era formado por jovens que desenvolviam também um trabalho político-partidário para um candidato que concorria ao governo do Estado.

Após a campanha eleitoral de 1998, o trabalho foi paralisado. As atividades foram retomadas em 2000, agora em parceria com a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) e com a Secretaria da Juventude da Prefeitura de Boa Vista, que doavam material esportivo. Porém, após a campanha eleitoral do mesmo ano, quando o candidato que eles apoiavam perdeu as eleições, o Grupo Jovem foi novamente desfeito.

A mesma pesquisa feita pelo Programa Braços Abertos apontou que no ano de 2003 o bairro União, localizado na zona oeste de Boa Vista, entre os bairros Caranã, Jardim Caranã, Cidade Satélite e Piscicultura, tinha uma população de 2.378 moradores. Destes, 95% estavam no bairro há, no máximo, dez anos.

Em relação à renda per capita (definida como o coeficiente entre o número de membros da família e a renda total), 89,7% da população estava situada nos estratos de até um salário mínimo. Destes, 67,4% encontravam-se na linha de indigência – aqueles cuja renda familiar per capita é inferior ao valor necessário para atender tão-somente às necessidades básicas de alimentação.

****

Quando chegaram ao bairro União em 98, Shiriu e seu irmão não custaram fazer amizades, pois afinal estavam em busca de lazer. Mas, não existiam espaços para essas atividades. Então, improvisaram um campo de futebol entre as ruas 8 e R, espaço que passou a ser dividido com os moradores do bairro. Os jogadores não se agrupavam em categorias definidas. Dentes-de-leite, juvenis, adultos e até os másteres jogavam misturados, todos juntos.

À medida que as afinidades etárias se definiam, com o passar do tempo as amizades foram se segmentando e os jovens do bairro passaram a se unir. Agora, queriam um campo só para eles e era na casa de dona Teresa, mãe do Carlos, Beto e Silvio, onde as brincadeiras rolavam soltas.

A diversão principal ficava por conta de um campinho de futebol improvisado nos fundos do quintal. Os três irmãos, que moravam na Rua 09, juntamente com Pequeno e Shiriu, da rua 08, Jader e Porquinho (assassinado em 2004), da Rua 11, e Mondrongo, Rodinha, Anderson, Cachorro Doido, Capela e Pica-pau (assassinado em março de 2007, dentro da Penitenciária Agrícola do Estado) e Bessa, da Rua 10, completavam o grupo.

Com o passar dos dias, a casa de dona Teresa, uma índia taurepang, se tornara para eles um segundo lar. Um palco de verdades e ilusões, onde malucos e normais eram todos. O grupo tinha lá seus vícios, mas não era de usar drogas pesadas. Um ou outro, às vezes, experimentava um cigarro de maconha. No geral, ficavam com o álcool, vinho barato, cigarro, além de cola e tíner, um solvente que ajuda a tornar as tintas menos viçosas, comprado com toda a facilidade em lojas de materiais de construção.

Entre as paredes da casa de dona Teresa havia um minúsculo barraco de madeira, a sede da turma. O grupo sentia-se defensor do bairro, reis dos malandros, os mais valentes, a

legião do bem e, às vezes, também do mal. Mesmo fora dali, a união entre o grupo continuava. Se um ia a alguma festa, todos iam juntos. Quando um brigava com alguém de fora do grupo, todos brigavam.

Era um grupo de auto-afirmação, jovens que tinham problemas parecidos e falavam a mesma "língua". Estava formada então a galera/gangue do bairro União. Termos utilizados para designar um grupo de jovens, de amigos ou uma organização juvenil ligada geralmente à delinqüência. Jovens convencidos de que o grupo era a via para resolver seus problemas financeiros, sociais e psicológicos. A união lhes dá segurança e um lugar ao qual pertencer.

****

Embora o estudo de gangues pareça algo novo, o assunto ganhou evidência no inicio na década de 1920, com o nascimento da Escola de Chicago, nos Estados Unidos. Tudo porque passou a ser crescente a preocupação com o meio urbano, cada vez maior, e com as formas pelas quais os sujeitos se inseriam nessa dinâmica de mudanças rápidas. Temáticas ligadas à pobreza, delinqüência juvenil, segregação espacial, social, cultural e étnica, motivadas pelo enfraquecimento de valores e da moral contribuíram de forma marcante para que isso viesse a ocorrer.

As pesquisas sobre gangues/galeras no Brasil são recentes. No entanto, o número cada vez maior de organizações juvenis e dos problemas associados a esses grupos, além da exposição nos meios de comunicação, fez crescer em várias cidades o interesse pelos estudos[1] com foco na temática. Na década de 1990, os arrastões nas praias do Rio de Janeiro eram constantemente noticiados pela mídia e creditados às gangues.

****

Shiriu não teve muito tempo para participar dela, não chegou a ter o nome pichado em muros e, dentre as drogas usadas pelo grupo, a única coisa que consumia era o álcool. Participou de algumas brigas, mas, dentre todos, era o mais medroso, característica que não está no manual de um membro de galera.

No início de 2000, Shiriu entrou para o projeto Agente Jovem, uma iniciativa do Governo Federal em parceria com a Prefeitura de Boa Vista pela qual os jovens mais carentes, situados entre 15 e 17 anos, recebiam treinamentos sócio-educativos e uma bolsa no valor de R$ 65 mensais para atuarem junto à comunidade com orientações de saúde e cidadania. O projeto, com suas palestras, conselhos e oferta de oportunidades de um futuro melhor, contribuiu de forma culminante para o fim da breve participação de Shiriu na galera do bairro.

> "Eu não sei o que acontecia comigo. Quando a gente faz parte de uma galera, a gente cria coragem. Eu não tinha medo de nada. Os caras de outras moçadas chegavam com terçado bem pertinho de mim e eu não corria. A polícia pegava a gente, dava muita bicuda e coronhada e, alguns minutos depois, já estava abrindo coro, ou seja, começando um briga com outras galeras."
>
> (Rodinha, ex-integrante de galera).

Os demais continuaram, alguns até hoje fazem parte. Entre aquele grupo que continuou apenas dois estudavam e nenhum trabalhava. De acordo com dados do Programa Braços Abertos, cerca de 1.500 moradores compreendem a faixa jovem, ou seja, mais de 50% da população.

Quando o levantamento remete a estudo e trabalho, feito com jovens entre 15 e 21 anos – de um total de 410 jovens –, 59 afirmaram que não estudavam, nem trabalhavam, ou seja, 14,4% desses jovens estavam sujeitos à marginalidade e alguns deles faziam parte da galera do bairro. Quando os dados se referem ao grau de escolaridade dos moradores de 15 anos ou mais, 28,1% estudaram até a oitava série do ensino fundamental e apenas sete concluíram o ensino superior, o que representa 0,4%.

Com o passar dos anos, a galera do bairro ganhava fama e, com novos integrantes, aumentavam também as rivalidades contra galeras de bairros adjacentes. Antagonismo que culminava, muitas vezes, com a morte de alguém. A prova disso é o Mapa da Violência 2011, levantamento feito pelo Instituto Sangrari. A pesquisa traz as taxas de homicídio e permite delinear um melhor panorama da situação e evolução dos homicídios juvenis[2] nas capitais do País.

Em 1998 o município de Boa Vista ocupava a 8º posição no ranking nacional como umas das capitais mais violentas do Brasil. Dez anos depois, o índice de homicídios caiu 55,9%. Se em 1998 o município registrou 34 homicídios envolvendo jovens, chegando a 41 em 2002, em 2008 esse número caiu para 15.

Apesar do crescente número de integrantes da galera do bairro União, em 2007 praticamente toda a moçada[3] que participou da formação da galera do "BU" havia deixado a gangue. No entanto, é importante citar um fato marcante que contribuiu para o fim[4] da galera. Seis anos antes, em 2001, a Prefeitura de Boa Vista implantou o Crescer, um projeto que contemplava os jovens do município que viviam em situação de vulnerabilidade social e eram constantemente ligados à violência em Boa Vista por serem integrantes das galeras.

Uma pesquisa realizada pela Prefeitura de Boa Vista em 2001[5] constatou, por exemplo, que dos 26.539 jovens entre 15 e 24 anos, 65% estavam na linha da pobreza ou indigência; desses, 5.891 não estudavam, 1.911 não trabalhavam e 1.490 não trabalhavam nem estudavam. Para ocupá-los foram criadas 13 oficinas, entre as quais as de serralheria, marcenaria e padaria.

Os produtos gerados por essas oficinas ocupacionais eram vendidos por uma cooperativa. Além disso, os jovens ocupavam o tempo com atividades recreativas, esportivas e culturais.

Quando o projeto começou suas atividades em 2001, existiam em Boa Vista 35 galeras mapeadas; quatro anos depois elas eram apenas cinco. Em 2008, as atividades do Crescer foram reduzidas e modificadas. Mas o aparente fim da galera do bairro União trazia consigo uma nova geração, esta última com características diferentes da primeira.

Capítulo 3
NOVA GERAÇÃO:
A VOLTA DOS QUE NÃO FORAM

- Edição 455-03/02/2007 **Época**

PRIMEIRO PLANO
Primeiro Plano

FALA, BRASIL

Os temas que dominam as discussões pelo país

• SAÚDE EM CRISE
Os prontos-socorros de Fortaleza podem ficar superlotados a partir deste mês. Moradores do interior do Estado devem [...].

• GALERA DO MAL
Armados com paus, facas e armas caseiras, as "galeras" estão aterrorizando a população de Boa Vista. De acordo com a Delegacia de Defesa da Infância e Juventude, nos últimos três meses cresceu 30% o número de crimes cometidos por essas gangues, formadas em sua maioria por adolescentes entre 14 e 18 anos. Eles se reúnem principalmente nos fins de semana para roubar, usar drogas e brigar.

• CRIME DA MODA
Cerca de 70 policiais civis e militares participaram da ação que libertou a gerente de banco Iva Maria Simeão e suas duas filhas. Elas foram seqüestradas por um bando que obrigou Iva a usar um colete com falsos explosivos e a sacar R$ 100 mil da agência em que trabalhava [...].

Todos os anos, desde 1999, é realizado o arraial, evento organizado pela Associação Cultural do Bairro União, sempre no início de julho. É considerado o 2º maior arraial comunitário de Boa Vista. Todo ano, cerca de 40 mil pessoas freqüentam o arraial (evento) durante os quatro dias de programação. Além de proporcionar lazer para a comunidade, gera renda para muitos moradores. Entretanto, tem também outra característica marcante: as brigas entre galeras rivais.

Existe uma grande rivalidade entre as galeras do bairro Santa Teresa, conhecida como "ST II", e a do bairro União, a "BU", que por sua vez também se rivaliza com a gangue do bairro Caranã, denominada de "BC" ou Baixada Caranã. O União está localizado entre estes dois bairros. Ao sul encontra-se o Santa Teresa e ao norte e leste o Caranã. A oeste corre o igarapé Caranã, um obstáculo natural que impede que a área seja usada como rota de fuga. Ou seja, quem cai ali não tem saída.

Quando um integrante da "BU" precisa sair do bairro para trabalhar, estudar, roubar, farrear, tem que enfrentar vários perigos, porque será obrigado a atravessar territórios inimigos. Essa afirmação pode ser comprovada por meio de um levantamento estatístico feito com a galera entre abril e maio de 2011. A pesquisa aponta que 22 integrantes já se envolveram em brigas e, destes, 77% se feriram durante as lutas.

A mesma pesquisa aponta que 64% dessas brigas são motivadas por disputa de território, de setor. Como, então, encontrar uma saída? A verdade é que não há saída. O jeito é enfrentar o perigo e seja o que Deus quiser. Esse perigo envolve, invariavelmente, as tentativas de homicídio, o que transformou a galera do "BU" numa das mais temidas de Boa Vista.

O arraial é o palco ideal e o principal cenário dessas disputas. Os embates acontecem principalmente nos arredores do evento. Nesses dias, a "BU" ganha o reforço galera do bairro Liberdade, a "LB". Do lado oposto se reúnem a "BC" e a "ST II". A tensão vai crescendo, crescendo, numa espécie de aquecimento e, então, começam as brigas...

****

Nos primeiros anos de arraial a galera do "BU" sempre levava desvantagem nas brigas. Isso porque tinha uma menor quantidade de integrantes. Eles não chegavam à metade da "BC" e da "ST II" juntas. Só conseguia mesmo equiparar o nível e equilibrar o poder de força quando recebia o reforço da "LB". Entretanto, nos últimos três anos a "BU" acabou se tornando auto-suficiente, pois desde 2007 tem aumentado o número de jovens que aderiram a essa galera.

Até 2005 o total dos seus integrantes não passava de 15. Com as adesões da nova geração, o número subiu para 30. Se

naquela época a média de idade era de 20 anos, hoje ela caiu para 17. É "a volta dos que não foram". Ou seja, jovens que não fizeram parte do primeiro grupo, aquele que formou a galera no bairro, mas que voltaram agora, com toda força.

"Tá vendo esse litro de gasolina que eu to na mão? Pois é... foi assim: agorinha eu tava em casa e chegou um amigo da mãe, aí ele entrou em casa e deixou a moto dele lá fora com a chave. Aí eu peguei uma garrafinha bacana, fui lá na moto, tirei a mangueira da moto e coloquei a garrafa. Tirei a 'gasosa', mas deixei um pouquinho, né? Só pra ele perceber que ninguém roubou nada. Olha aqui ó, essa gasolina dá pra

(Depoimento de Carlinhos, 15 anos / BU)

Antes, o vício dos pioneiros se resumia a drogas mais leves, como cigarro, cachaça, cola e tíner. Hoje, além delas, o uso inclui coisa da pesada, como maconha, crack e pasta de cocaína. Se, no passado, o sustento era tirado nos bicos como ajudante de pedreiro ou pequenos furtos, hoje as principais fontes de renda são roubos, furtos e venda de drogas. São essas as atividades que geram grana para os integrantes das galeras.

Neste novo contexto, o tráfico não está só ligado ao poder do dinheiro, mas é também uma arma que garante o domínio

social pelo medo que pode provocar nos outros, além do poder e do respeito causado pelo vício. A droga vem e abastece o vício do grupo e o suposto prestígio dessa ilegalidade dá força ao jovem enquanto detentor e vendedor dos entorpecentes.

Isso se tornou possível graças ao grande índice de jovens e adolescentes que consomem drogas dentro da galera, como pode ser observado no gráfico abaixo:

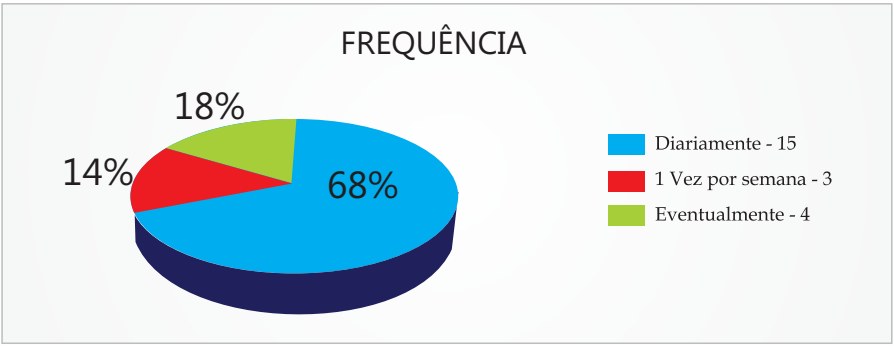


Gráfico 01: Uso de droga pelos integrantes

O gráfico mostra que dos 30 integrantes pesquisados, 22 consomem drogas e, destes, quase 70% do grupo declarou consumi-las diariamente. Acredita-se que, quanto maior o uso e quanto mais tempo ele durar, maiores serão os prejuízos. Portanto, os efeitos variam conforme a droga, quem a usa e o prejuízo estimado. Nesse sentido, costuma ficar claro que o indivíduo perdeu o controle sobre o uso, o que, grosso modo, caracteriza a dependência.

****

Durante os três primeiros dias do arraial de 2008 o BU saiu perdendo nas brigas.

- Tão fugindo por que, seus otários? Não são vocês que mandam aqui? – perguntava com ironia Aurélio, integrante da "ST II".

- Que nada. Vocês vão ver amanhã! – respondia Cebola, integrante da "BU".

- Vocês são muito é prego! Bota pra cima! – gritava Alex, da "BC".

- Pode deixar otário, amanhã é o último dia! Tu vai vê o que é a "BU"! Amanhã tu pega o teu! – ameaçava Bode, do "BU".

O evento é realizado na avenida Rui Baraúna, já próximo à avenida Carlos Pereira de Melo, divisa com o bairro Santa Teresa. Apesar da presença do policiamento reforçado as brigas não diminuíam. As disputas aconteciam geralmente por volta das 2 horas da madrugada, horário em que terminavam as apresentações no arraial.

Numa dessas ocasiões, os integrantes da "BU" se dirigiram ao centro do bairro, localizado entre a Ruas 8 e R, a uns 600 metros da festa, e ali armaram a tocaia.

Era a última noite do arraial, a galera do "BU" estava em maior número, aproximadamente 40 integrantes, e havia se preparado muito bem para a batalha. Alguns estavam munidos com armas de fogo caseiras, outros com facas, afiadas o suficiente para perfurar um casco de jacaré. Havia também

terçados e pedras, que já estavam amontoadas a espera das galeras rivais.

- Moçada, vamos ficar atentos! Hoje a gente tem que dá fim em pelo menos uns dois! – dizia Jader, chefe da galera do "BU".

Meia hora depois de terminada a festa nada de "BC" ou "ST II".

- Hoje tomaram outro rumo. Não vai ter briga – previu Shiriu, que observava da janela do quarto a movimentação da "BU". Ele estava certo, a galera não passou. Somente um integrante da "BC" se aventurou a atravessar o campo de batalha. Apenas uma pobre vítima.

- Olha aquele bonitinho ali vindo! É da Baixada! – apontava Pium para o jovem que passava na avenida, próximo ao local da tocaia.

Quando ele passar, a gente ataca ele! Espera aí – aconselhava Boy aos demais integrantes, para em seguida gritar:

- É agora! – disparou, e a ordem era para matar.
- Mata! Mata!
- É pra matar!
- Não deixa escapar!

E agora? Ao se fazer essa indagação Shiriu começou a orar, desta vez pela vida de alguém que ele nem conhecia. O jovem pertencia a outra galera, uma gangue rival. Ela também não teria dó caso fosse o contrário. Como estava próximo ao

local, deu para Shiriu ouvir e ver todas as tramas praticadas pela galera do "BU".

A vítima tinha aparência franzina, pele morena, estatura baixa. Quando percebeu que ia ser atacada correu. Apenas correu. Não havia outra alternativa. Então, correu muito, perseguido por uma nuvem de "gafanhotos". Ao passar por dentro de uma poça d'água, escorregou e caiu. É o seu fim, pensou Shiriu. - Já era otário! Vai visitar o inferno! – gritava Boy.

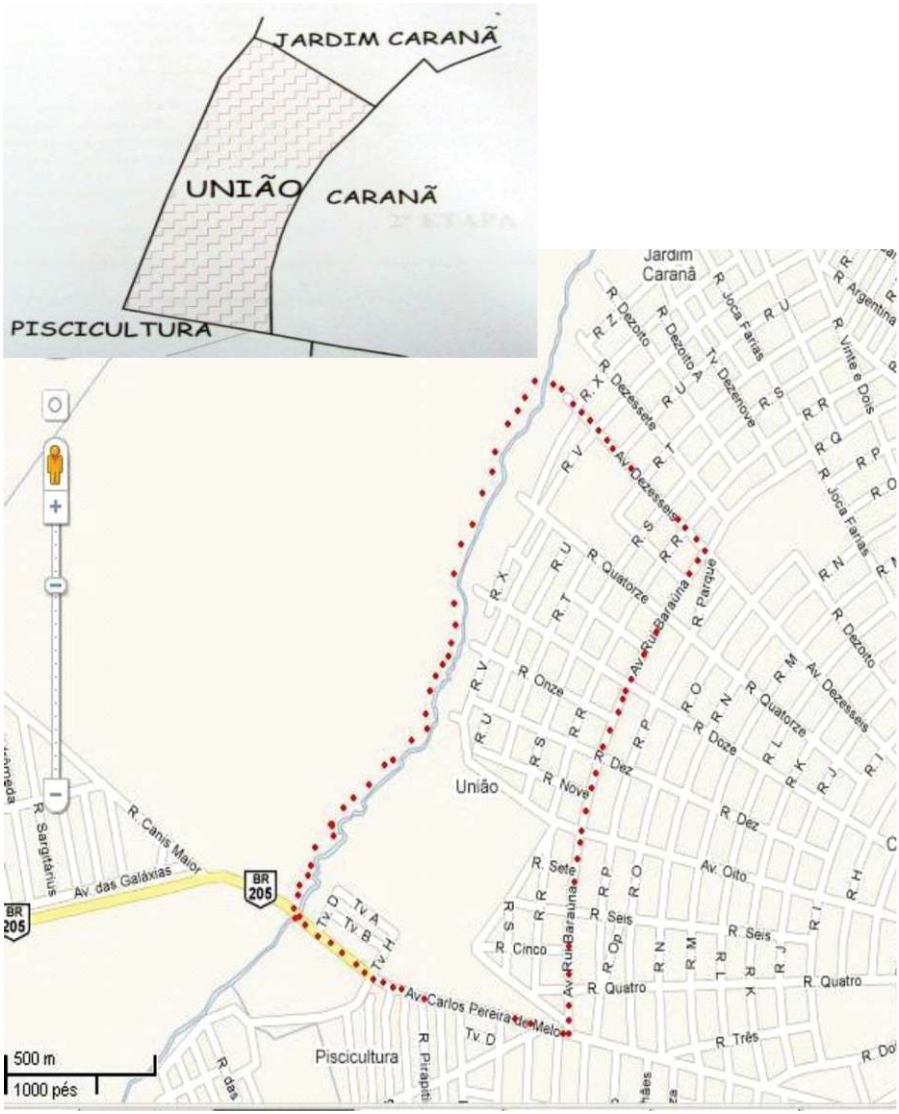
De longe Shiriu viu Pium desferir uma facada nas costas do rapaz. Boy atirou uma ripa e acertou a cabeça do infeliz. Porém, nem Shiriu e nem a "BU" conseguiram entender como a vítima conseguiu levantar-se e fazer a única coisa que lhe restava: correr. E assim, correndo, numa fuga epopéica, conseguiu safar-se e salvar a própria vida.

Antes mesmo de o grupo voltar da caçada frustrada, Shiriu saltou a janela e foi ao encontro do grupo. Então perguntou a Pium se a facada que ele havia desferido no rapaz o havia atingido.

- Ele caiu e eu lhe dei no meio das costas. Mas parece que o porra tem couro de jacaré. A faca fez "truck" e quebrou – respondeu Pium.

- Ele pode até não ter visitado o inferno, mas o inferno visitou ele – concluiu Boy, despertando a risada de todos e dando a entender que a morte é um troféu barato.

Capítulo 4
INVASÕES: TAREFA DE CASA



Fonte: Relatório Braços Abertos/Google maps

Era 1 hora de uma madrugada de janeiro de 2007 quando Shiriu acordou. A TV estava ligada e os gritos vindos da rua o assustaram. Entre eles reconheceu a voz de sua mãe, dona Jozete.

- Meu filho, não! Socorro!

Dava também para ouvir os tiros e os gritos não paravam. Levantou ainda atordoado e sem pensar no que fazer. Vestido apenas com uma sunga correu em direção ao alvoroço. Sua mãe pedia socorro e, junto dela, estava dona Maria, uma senhora de traços indígenas. Um grupo de mais de dez pessoas que se movimentavam de um lado para o outro. Corriam alguns metros, pegavam algumas pedras, corriam uns 20 metros mais à frente, lançavam-nas na direção de uma turma de jovens e voltavam correndo. O outro grupo, por sua vez, arremessava os objetos de volta.

O vai-e-vem de pedras e paus era, na verdade, uma briga entre a galera da "BC", reforçada pela "ST II", contra alguns membros da galera da "BU". Tudo porque ocorrera uma tentativa de invasão. Invasões que são freqüentes. Sempre que acontece alguma briga entre essas galeras, muitos moradores fecham as portas mais cedo. E os pais proíbem os filhos de transitarem pelo bairro à noite.

****

Mais atento, Shiriu observou que, além de Jozete e dona

Maria, estavam também dois irmãos: Bola e Pequeno, também Bil, filho de dona Maria. A presença dos filhos explicava o desespero das mães.

Bola era um dos culpados pela briga. Ao passar pela avenida Rui Baraúna se deparou com o grupo rival e então começou a provocá-los.

- Ei, seus otários, botam pra cima. Acha que eu tenho medo de vocês?!

Alguns minutos depois, estava correndo seguido de dez jovens. Bola é o terceiro na escada de nascimento, com 22 anos hoje. Quando criança, tinha jeito desengonçado, o que arrancava aplausos e risos das pessoas que dele se aproximavam.

Nasceu com quatro quilos e 500 gramas, de um parto natural – coitada da mãe – em Pedreiras, Maranhão.

- Bob – como era chamado pelo avô Januário e assim o faz até hoje. – Vem aqui, vamos cantar a música da lagartixa!

- Tá bom. Mas quero pular bem alto – pedia Bob.

Então, Januário sentado à cadeira de balanço, segurava nos braços de Bob e começava a cantarolar: "O Calango matou o bode/ retalhou botou na teia/ lagartixa foi bulir/ pegou pau e pegou peia/ isso é o que se faz/ com quem mexe com as coisas alheia (...)."

Bob, muito feliz com a cantiga, pulava com um sorriso largo e olhos bem abertos. Ele também era famoso pelas boas

notas que tirava na escola, mas também era conhecido pela sua fama de bravo.

- Aqui tua nota – dizia a professora quando entregava a avaliação.

- Professora isso aqui tá errado – respondia Bob, já com cara de bravo.

- Mas meu querido, você tirou 9,5 e errou uma questão. Será que não está certo?

- Tá não, era pra ser dez! A resposta não estava errada! – exclamava Bob com cara de choro.

- Poxa, menino! Mas você tirou dez em todas as provas que fez e agora porque tirou essa nota está zangado desse jeito? Essa nota de 9,5 é quase dez, é muito boa – tentando acalmar o garoto.

- Não quero saber! A senhora está me enrolando!

Bob era uma criança despreocupada com a vida. Certa vez, sua mãe o mandou levar uma marmita na roça que ficava a uns cinco quilômetros de casa, onde estavam Shiriu, Pequeno e o pai, seu Bendito.

- Olha, tu vai, deixa lá a comida e volta pra casa logo – explicava detalhadamente sua mãe.

- Ta mãe. Pode deixar. - respondia Bob, tentando tranqüilizá-la.

O tempo passava, uma hora, duas horas e nada de Bob voltar. “Algo aconteceu”, pensou Dona Jozete. Decidiu, então, ir

procurá-lo. Ao pegar a estrada, logo após a primeira curva, cerca de 200 metros, lá estava Bob, sentado à borda de uma barreira na estrada, com a marmita ao seu lado, ainda intacta. Cantarolava e assobiava. Em suas mãos, algumas pedrinhas que eram lançadas na outra borda da estrada.

Era comum Bob sumir durante as manhãs. Por vezes, dona Jozete tentou pular dentro do poço, que ficava nos fundos do quintal. Geralmente ele saia para caçar ou pescar. Então, Jozete corria aos berros. Achando que no mínimo ele havia caído no poço.

- Meu filho, cadê você?

Na maioria das vezes, Bob ouvia os gritos de Jozete, mas agia naturalmente, sempre despreocupado. Gostava de assobiar. Às vezes, dava respostas aos clamores da mãe vinha em forma de assovio. Quando não respondia com um "o que é mãe?" Num o suficiente para se ouvir a uma distância de, no máximo, 50 metros.

Quando veio para Roraima, Bob tinha dez anos e, no bairro União. Apesar da falta de opções de lazer existentes na época, tinha um sonho: ser jogador de futebol. Nos estudos, ia bem. Não faltava às aulas e no tempo que lhe restava fazia de tudo. Passou alguns meses vendendo din-din no terminal de ônibus do Centro, mas parou de vender por sentir vergonha do

que fazia. Achava aquilo um tanto degradante.

- Bola, você tem que identificar seu produto. Não é só vender o din-din. – comentava Shiriu.

- Como assim? Identificar o produto? – respondia curioso.

- Na caixa, eu vou escrever o nome "DIN-DIN" e embaixo vou desenhar o produto.

- Beleza! – concordou Bola.

Mal sabia ele o que viria a acontecer. O desenho ficou bem feito, parecia mesmo um din-din, mas também se assemelhava a uma camisinha. Em vez de sucesso, o investimento acabou se tornando uma vergonha, motivo de piadas.

- Quanto é a camisinha? – zombavam alguns clientes.

- Camisinha é meu pau. – retrucava Bola.

- Exatamente. É para isso que serve – ironizavam.

Desde então, passou então a vender latinhas, depois virou jornaleiro e, por último, trabalhou numa fábrica de iogurte. Era preocupado com tudo o que ocorria em seu bairro, observava com apreensão as confusões envolvendo galeras. Para ele, no início tudo dava medo. Para a família, aquele medo era positivo, pois enquanto houvesse temor, também haveria a segurança de ele não entrar em nenhuma galera.

Cinco anos depois, já com 15 anos, ele começa a faltar às aulas. Passou a chegar mais tarde durante as noites e embora os conselhos dentro de casa aumentassem, os resultados eram mínimos. Os amigos no bairro se multiplicaram e os rumores de

que Bob – agora vulgo Bola – estava fazendo parte da chamada nova geração da "BU" eram grandes.

Dois anos depois os conselhos já não adiantavam. Desistiu de frequentar a escola, não dormia mais em casa e o que eram apenas rumores acabaram se tornando fatos concretos. Rapidamente, passou a ser o cabeça da galera do "BU". E, por conta disso, um dos jovens mais visados pela polícia e pelas galeras rivais, chegando a ponto de estar jurado de morte.

Alguma coisa precisava ser feita. Numa manhã de sábado, Shiriu, como fazia a cada mês e meio, foi cortar o cabelo numa barbearia localizada no bairro Santa Teresa II. Ouviu de três homens sentados a uma mesa uma jura de morte. Um deles, de aproximadamente 30 anos, barba longa, disparou:

- É... eu também to pensando em sair de Boa Vista. Mas, antes disso, tenho uma coisa a fazer – afirmava olhando de um lado para o outro, um tanto desconfiado do que ia falar a seguir.

O silêncio se perpetuou por alguns segundos e então continuou.

- Eu só vou embora de Boa Vista depois que "puxar" um tal de Bola, do bairro União. Ele ameaçou um parente meu. Eu vou matar esse moleque! – completou!

Shiriu começou a tremer e torceu para que o cabelo fosse logo cortado. O que ele mais queria naquele momento era correr para casa e contar o que ouvira. Depois disso, ficou decidido que

"O dono da tornaria era mão-de-vaca e valente. Fui agredido muitas vezes. Bastava um errinho. Mas, não era só eu que apanhava, ele dava porrada em todo mundo. Mas, não foi por causa dele que eu vim embora...tinha um cara que trabalha com a gente era amigão meu, o Paulo. Ele pegava a filha do chefe e só eu sabia. Na tornearia estavam sumindo algumas coisas. O chefe então contratou um detetive que ficou como gerente da tornearia. Era um cara bacana, ficava dando conselhos pra gente, mas o Paulo sempre discutia com ele. Não sei como, o cara descobriu que era o Paulo quem furtava as coisas. O chefe o demitiu. Mas o Paulo colocou a culpa em mim dizendo que fui eu quem dedurou ele. Começou a me ameaçar. O pior é que ele morava num bairro perigoso, que a negada mata por um real. Rapidinho vazei de lá. Quando eu cheguei aqui em Boa Vista fiquei sabendo que um dia depois que eu sai de lá, ele tinha ido no meu barraco com uns caras...acho que não foram lá me chamar pra tomar uma cervejinha."

(Depoimento de Bola).

ele seria mandado de volta ao Maranhão. Estaria longe da família, mas longe também da morte. Passou seis meses por lá passou e, então, com recursos próprios, foi morar em Paraupebas, cidade à beira do rio Amazonas ainda no Estado do Pará, onde conseguiu emprego numa tornearia.

Um ano antes, em Boa Vista, fez curso de torneiro mecânico no Centro de Formação Profissional da Consolata. Em

Paraupebas, ficou mais quatro meses. No entanto, como a morte parecia continuar perseguindo-o, decidiu voltar a Boa Vista.

Ao retornar a Boa Vista, a única pergunta que sua família se fazia era: será que ele voltará a fazer parte da galera? Tudo indicava que sim, mas antes que ficasse na ociosidade, conseguiu um emprego e voltou a estudar.

****

Pequeno, que estava na casa de Bil, havia advertido Bola, pouco tempo antes da briga.

- Tu não vai pra ali. Eu vi uns caras da "BC" passando! Então, toma cuidado. Não vai passar pela avenida – alertava o amigo.

- Eu não sou doido não.

- É sério. Não vai querer botar pra cima desses caras. Tu sabes que eles são gaiatos – reforçava Bil

- Eu sei! – respondia Bola, tentando confortar os dois com a garantia de que não ia se meter em brigas.

Bil e Pequeno sabiam do que estavam falando. Eles eram os veteranos.

Os dois já haviam saído da galera há algum tempo. Eram grandes amigos.

"Pra gente, veterano é aquele muleque que faz parte da moçada há muito tempo, às vezes até já saiu. Os veteranos são mais respeitados. É um muleque que tem muita história pra contar. São os malucos que iniciaram a galera do bairro. Agora, eu fico 'puto' da vida é que têm uns otários que dizem que são veteranos e não agüentam uns 'secretos', não agüentam uma 'seqüência' e ainda querem botar moral nos mais novos."

(Depoimento de Índio / "BU").

****

Pequeno começou a trabalhar na agricultura quando tinha apenas quatro anos. Plantava e colhia arroz, feijão, milho e mandioca, alimentos destinados à subsistência da família. Diferente de Bola, sempre foi um sujeito muito esperto, mais ativo. Quando criança, era um moleque rápido e destemido. Apesar da estatura baixa e de pernas curtas, nada lhe botava medo. Com oito anos já caçava nos açudes das fazendas. Com apenas um canivete de dez centímetros na mão saltava em cima dos jacarés, sempre maiores que ele.

Quando sua família veio para Boa Vista, em 1997, Pequeno, já com 12 anos, continuava demonstrando ser uma figura esperta. A vida que a família levava no bairro União tinha diversas limitações, a começar pelas condições financeiras. Apenas o pai, seu José, trabalhava, recebendo um salário mínimo por mês. Às vezes, Dona Jozete conseguia uns bicos como faxineira, mas o que ganhava não dava para muita coisa. Mesmo assim, em Boa Vista as condições eram melhores que as que tinham no Maranhão.

Foi em Boa Vista que Pequeno comeu a primeira pizza, bebeu o primeiro refrigerante. Mas, desejava mais; uma TV, por exemplo. Diferente da vida que levava no Maranhão, não queria ter que assistir a desenhos animados na casa dos vizinhos. Pretendia, também, dar uma geladeira e uma máquina de lavar roupas à mãe.

A busca por melhores condições fez aumentar a pressão dentro de casa. Já não bastava apenas estudar, era preciso trabalhar e não adiantava ser matuto na cidade. A essa altura, tinha consciência de que correr atrás de jacaré, domar cavalos, cultivar ou ordenhar vacas às 4 horas da manhã no período de inverno, com esterco acima da coxa e mosquitos sugando-lhe o sangue, não era a vida que sonhava. Mesmo assim, era mais fácil que conseguir um emprego em Boa Vista.

- Vai trabalhar – implorava seu José.

Geralmente, Pequeno ficava calado. Mas, as pressões começaram a ficar mais fortes.

- Vagabundo, vê se consegue um emprego, que a situação ta difícil. Aqui é tudo eu, tudo eu! Não agüento mais – esbravejava o pai.

Ele até conseguiu um bico: catador de lixo. A atividade não rendia muito, o lucro era mínimo. Então, passou a achar que era o único vagabundo, se sentia um imprestável.

Shiriu era integrante do projeto Agente Jovem; Bola tinha apenas 10 anos e os outros eram ainda mais novos. Para não ouvir tantos desaforos do pai, saia perambulando pelo bairro e assim foi fazendo amigos. Se em casa não recebia atenção, na rua ela sobrava.

Nesse período, em a galera do Bairro estava em formação e, nela, Pequeno era uma peça importante. Para ele, conseguir um emprego já não importava tanto. Estava condicionado a passar maior parte do dia fora de casa com os amigos. Logo, o nome de Pequeno passou a ser estampado nos muros e nas paredes e repetido na boca das galeras rivais e em parte dos moradores do Bairro.

Pequeno não era tão rebelde e maldoso como achavam. É verdade que não fugia das brigas. Por outro lado, nunca deixou de estudar. Dentro da escola era respeitado pela coragem, mas

principalmente pela dedicação às aulas. Quanto às drogas que consumia, elas se resumiam a bebidas alcoólicas e cola de sapateiro.

O tempo passava e as oportunidades de conseguir um emprego diminuíam. Enquanto isso, a marginalidade no bairro se multiplicava. Mas, em 2001, seu José – um dos culpados por Pequeno se inserir na galera do bairro – agora seria o responsável por tirá-lo quando decidiu procurar ajuda.

- Bom dia! É aqui que a gente inscreve os jovens para entrar nos projetos sociais da Prefeitura? – perguntou à funcionária de nome Paula.

- É sim. Mas, quero dizer ao senhor que nós não temos mais vaga para nenhum projeto. Ele vai ficar numa lista – explicou.

- Sim, eu entendo, mas é que a situação lá em casa ta medonha. Eu não aguento mais. Ele está se envolvendo com uns caras errados...

- É o seguinte: nós criaremos, nos próximos meses, um projeto que é destinado aos jovens que vivem em situação de risco e acho que esse é o indicado para o seu filho. Assim que começar, nós vamos avisar o senhor.

Paula se referia ao Projeto Crescer, iniciado em 2001. Mas, não era exatamente desse projeto que seu José queria ver o filho participar.

- Não tem mais vaga para o Guarda Mirim? – perguntou seu José, em busca de uma solução mais urgente.

- Não, está tudo lotado. – respondeu Paula.

O Guarda Mirim é outro projeto da Prefeitura destinado a abrigar jovens de famílias carentes com idades entre 15 e 18 anos. Por meio dele, os adolescentes recebem treinamentos e depois são encaminhados a órgãos públicos, onde auxiliam em funções diversas. Para isso, os integrantes recebem uma bolsa mensal, que ajuda no sustento da família.

Conformado, seu José voltou para casa. A esperança agora passava a ser o tal Projeto Crescer. Porém, um dia após o cadastramento, uma ligação mudou toda a história de Pequeno.

- Alô! Eu gostaria de falar com o seu José. Ele se encontra? – perguntava a voz do outro lado da linha.

- É ele. – respondeu.

- Seu José, é a moça que atendeu o senhor ontem sobre a ficha que o senhor fez do seu filho. Nós vamos colocá-lo na Guarda Mirim. Mas, não pode contar pra ninguém. Seu filho passou na frente de muita gente que estava na espera. Só entrou porque a situação dele é grave mesmo.

Inserido no projeto, não demorou muito tempo para Pequeno ganhar seu nome verdadeiro de volta. Agora, tinha nome próprio novamente. No trabalho, se tornou um jovem exemplar, tranqüilo, calmo, pontual e dedicado; em casa,

começou a falar sobre planos para o futuro; e na rua, começou a aconselhar aqueles que ainda faziam parte da galera. Entre eles, Bil, um jovem roraimense de ascendência indígena.

Bil morava ao lado da casa de Pequeno. Fazia parte de uma família de alcoólatras. Aliás, ele era um deles. Chegou a morar no bairro Caranã e a fazer parte da galera da "BC", mas, ao se mudar para o bairro União perdeu todos os vínculos com a galera. Era o irmão mais velho dentre os três filhos de dona Maria, uma cabocla de riso fácil, dona de uma gargalhada engraçada.

Era de família alegre, mas cheia de problemas. Durante as noites, bebiam até certas horas e quando já estavam bêbados, começavam a brigar entre si. Numa dessas brigas, Bil levou uma terçadada, perdeu muito sangue e, por pouco, não perdeu também o braço.

Para a galera do bairro ele era um exímio "açougueiro de carne humana". Muitos adversários foram vitimados por ele. Por outro lado, quando não bebia era um jovem tranqüilo e educado. O problema é que bebia quase todos os dias. Acabou fazendo uma amizade com Bil que, nessa época, já havia deixado a galera do bairro há um ano.

- Quando a gente entra numa galera é como estar numa gaiola. Não consegue sair mais – comentava Bil.

- Tu não tá errado. Mesmo depois de ter deixado a galera, uns caras do Caranã e do Santa Teresa ainda correm atrás de

mim. Mas agora eu chamo é a policia. Porque esse negócio de dar uma de doido não dá certo. Querer resolver as paradas comas mãos só deixa a gente mais ferrado – aconseava Pequeno.

Bil pensa por alguns segundos, olha para o lado, depois em direção ao céu, fixa os olhos em Pequeno e diz:

- Eu acho que vou sair dessas ondas, não tem futuro não. Não tenho mais idade pra isso. Vou fazer como tu fez e sair dessa.

Dito e feito. Por acreditar em si mesmo e nos conselhos de Pequeno, Bil agora se tornou outro homem. Já não bebia mais, começou a fazer alguns bicos e voltou a freqüentar as aulas na escola municipal do Bairro. Mas em 2007 veio a tragédia: Bil morre depois de num acidente de motocicleta.

"Dias antes do acidente, meu filho me falou umas coisas estranhas. Dizia que tinha feito muita coisa de errado: mãe a senhora nem sabe o quanto eu já aprontei nessa vida. Eu já furei um cara bem aqui na frente de casa. E eu perguntava pra ele porque ele tava me falando aquelas coisas. E ele falava que era porque estava chegando a hora dele. Um dia antes dele morrer, me falou que tinha um dinheiro guardado debaixo da cama e era pra mim: mãe tem um dinheiro que eu juntei fazendo esses bicos aí. Se acontecer alguma coisa comigo a senhora já sabe, ta debaixo da cama."

(Depoimento de Dona Maria, mãe de Bil).

Mas, as brigas na rua continuavam e a "BU" começava a ganhar reforços. Isso acabou gerando uma reação da comunidade. Ao ouvirem os gritos de mulheres e crianças pedindo por socorro, os familiares apareceram munidos de terçados, martelos, foices e pedaços de madeira. O grupo de dez passou para vinte e os invasores foram expulsos. Talvez apenas até o dia seguinte. Afinal, as disputas por territórios são marcas do medo. Temor que une todos os moradores. Não importa a idade, o sexo. Todos lutam, pois no fim todos são vítimas.

NOTAS

NOTAS

1 – Ver por exemplo, Bourguignon, 2010; Abramovay 2010; Waiselfisz, 2006 e Herschmann, 2005.

2 – A violência continua a ter como principal ator e vítima a juventude. É nessa faixa etária, a dos jovens, que duas em cada três mortes se originam numa violência, seja ela homicídio, suicídio ou acidente de transporte.

3 – Palavra usada pelo grupo para definir galera/gangue.

4 – O surgimento do projeto não foi o suficiente para que alguns jovens deixassem a gangue. Nem todos fizeram parte do projeto, outros que participaram não conseguiram mudar, mesmo com as oportunidades oferecidas pelo Crescer.

5 – Pesquisa realizada por meio do Programa Braços Abertos/SEMGEP – 2001.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVAY, Miriam; WAISELFISZ, Júlio Jacobo; ANDRADE, Carla Coelho; RUA, Maria das Graças. Gangues, Galeras, Chegados e Rappers: Juventude, Violência e Cidadania nas Cidades da Periferia de Brasília. Rio de Janeiro: Garamond, 1999.

ABRAMOVAY, Miriam; WAISELFISZ, Júlio Jacobo; ANDRADE, Carla Coelho; RUA, Maria das Graças. Gangues, Gênero e Juventudes: Donas de Rocha e Sujeitos Cabulosos. Brasília: RITLA, 2010.

ALVIM, Rosilene; QUEIROZ, Tereza; JÚNIOR, Edísio Ferreira (orgs.) Jovens e juventude. João Pessoa: Editora Universitária PPGS/UFPB, 2005.

BARCELLOS, Caco. Abusado: O Dono do Morro Dona Marta. Rio de Janeiro: Record, 2003.

BOA VISTA. Prefeitura Municipal de Boa Vista. PROGRAMA BRAÇOS ABERTOS/SEMGEP. Boa Vista: SEMGEP, 2001.

BOURGUIGNON, Marco. Gangues, galeras e as malhas do trafico: juventude no fio da navalha. Rio de Janeiro: UERJ, 1998. Disponível em <www.textus-textos.com.br/sociologia.html>. Acesso: 08/06/2010.

BRAUN, Ivan Mário. Drogas: perguntas e respostas. São Paulo: Summus editorial, 2007.

CARRANO, Austregésilo. Canto dos malditos: uma história verídica que inspirou o filme Bicho de Sete Cabeças / Austregésilo Carrano. – Rio de Janeiro, Rocco, 2001.

CHAUÍ, Marilena. Uma ideologia perversa: Explicações para a violência impedem que a violência real se torne compreensível. In Folha de São Paulo, 14 de marco de 1999 (Caderno Mais!, p5-3), 1999.

DAMATTA, Roberto. A CASA & A RUA Espaço, Cidadania, Mulher E Morte No Brasil 5ª edição Rio de Janeiro – 1997.

FALASCHI, C. Livro-reportagem ou reportagem grande? Disponível em <www.textovivo.com.br>. Acesso em 03/03/2010.

LIMA, Edvaldo Pereira. O que é livro-reportagem. São Paulo: Brasiliense, 1993.

LIMA, Edvaldo Pereira. Páginas Ampliadas. São Paulo, Unicamp, 1995.

OECD – Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômicos. PANORAMA DA EDUCAÇÃO 2007: INDICADORES OCDE. Editora moderna. Paris: OECD, 2008.

SILVA, Alexandre Rocha. A dispersão na Semiótica das Minorias. Porto Alegre: Editora Unisinos, 2001.

SPAGNOL, Antonio Sergio. Jovens perdidos: um estudo sobre os jovens deliqüentes na cidade de São Paulo. Annablume, 2008.

BIOGRAFIA

BIOGRAFIA



O autor nasceu no dia 8 de maio de 1984 na comunidade de Pedra do Salgado, Município de Vitorino Freire – MA. Um povoado com cerca de dois mil moradores, considerado um dos mais pobres do Brasil.

Em 1997, com as promessas políticas de terras e emprego veio com a família para Roraima. Ainda com 13 anos descobriu que o ideal de melhores condições de vida não dependia de compromissos eleitoreiros, mas sim de estudo.

Por isso, se dedicou ao futuro profissional, o que culminou em 2006 com o ingresso no curso de Comunicação Social – Jornalismo. Com o aporte dos professores, o curso lhe presenteou um novo bem: o da escrita.

Ricardo Rodrigues mora há 10 anos no bairro União. O local foi a base de pesquisa para o seu primeiro livro-reportagem, "BU: O caminho faz a galera".

COLEÇÃO

Comunicação & Políticas Públicas

NORMAS PARA PUBLICAÇÃO

O Núcleo de Pesquisa Semiótica da Amazônia (NUPS), da Universidade Federal de Roraima (UFRR), está à frente do selo coleção “Comunicação & Políticas Públicas” e recebe propostas de livros a serem publicados em fluxo contínuo em qualquer período.

O texto deverá ter uma extensão de no mínimo de 40 laudas e no máximo 90 laudas configuradas obrigatoriamente em espaçamento 1,5, letra Times New Roman e tamanho de fonte 12. Todo o texto deve seguir as normas da ABNT.

Os elementos pré-textuais como dedicatória e agradecimento não devem constar no livro. Os elementos pós-textuais como biografia do autor de até 10 linhas e referências bibliográficas são obrigatórios. As imagens e figuras deverão ser apresentadas em arquivos separados, de maneira que ao longo do texto do livro sejam apenas indicados os espaços onde serão inseridas. As imagens deverão ser nomeadas e numeradas conforme os espaços indicados no texto.

A submissão do livro deverá ser realizada por meio do envio online de arquivo documento (.doc) em Word for Windows 6.0 ou versão mais recente. O autor ou autores devem encaminhar para o e-mail nupsbooks@gmail.com três arquivos: a) formulário de identificação do autor e da obra, b) livro com sumário no formato Word for Windows 6.0 ou versão mais recente, e, c) via escaneada de carta de autorização assinada pelo (s) autor (es) atestando que cede(m) seus direitos autorais da obra para a editora da Universidade Federal de Roraima.

ENDEREÇO DE CORRESPONDÊNCIA

Núcleo de Pesquisa Semiótica da Amazônia (NUPS)

Universidade Federal de Roraima (UFRR) - Campus Paricarana

Bloco 1. Sala 179

Av. Cap. Ene Garcez, n. 2413. Bairro Aeroporto. Boa Vista, RR.

Telefone: + 55 (95) 8116-5199 / nupsbooks@gmail.com

www.livros.ufrr.br